



COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA.

ISSN: 2236-8000

v. 19, n. 2, p. 151-170, jul.-dez. 2024

Jornais Universitários, Valorização da Ciência e Combate à Desinformação: uma investigação sobre o processo produtivo dos Jornais da USP, Unesp e Unicamp

Periódicos universitarios, valorando la ciencia y combatiendo la desinformación: una investigación sobre el proceso de producción de los periódicos de la USP, la Unesp y la Unicamp

University Newspapers, Valuing Science and Combating Misinformation: an investigation into the production process of USP, Unesp and Unicamp Newspapers

Lara Luiza Baesteiro CAMPEÃO

Bolsista PIBIC-CNPq e Graduanda em Jornalismo pela Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC – Unesp)

E-mail: larabaesteiro@gmail.com

Liliane de Lucena ITO

Docente no curso de Jornalismo na Universidade Estadual Paulista (Unesp/Bauru) e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (stricto sensu) na mesma instituição.

E-mail: liliane.ito@unesp.br

Enviado em: 26 jun. 2024

Aceito em: 03 jul. 2024

RESUMO

A comunicação dos resultados de pesquisa é essencial para a plena realização da atividade científica, mas ainda enfrenta desafios significativos, como a desinformação, que causa danos à sociedade. Essa dificuldade decorre da incompatibilidade entre as dinâmicas do Jornalismo, que busca a rápida circulação de informações, e da Ciência, que requer tempo para maturação dos resultados. O artigo propõe que o jornalismo científico universitário pode ajudar a preencher essa lacuna na popularização da Ciência e melhorar a representação da realidade. O estudo analisa o processo produtivo dos jornais da USP, Unesp e Unicamp, focando na editoria de Ciência e investigando valores-notícia, formulação de pautas, hierarquização de conteúdos, técnicas de apuração, fontes consultadas e interferências de poder.

Palavras-chave: *Jornais universitários; Divulgação Científica; Desinformação; Valorização da Ciência.*

RESUMEN

La comunicación de los resultados de investigación es esencial para la plena realización de la actividad científica, pero aún enfrenta desafíos significativos, como la desinformación, que causa daños a la sociedad. Esta dificultad surge de la incompatibilidad entre las dinámicas del Periodismo, que busca la rápida circulación de información, y la Ciencia, que requiere tiempo para la maduración de los resultados. El artículo propone que el periodismo científico universitario puede ayudar a cerrar esta brecha en la popularización de la Ciencia y mejorar la representación de la realidad. El estudio analiza el proceso de producción de periódicos de la USP, Unesp y Unicamp, enfocándose en la sección de Ciencia e investigando los valores-noticia, la formulación de agendas, la jerarquización de contenidos, las técnicas de apuración, las fuentes consultadas y las interferencias de poder.

Palabras-clave: *Periódicos universitarios; Divulgación Científica; Desinformación; Valoración de la Ciencia.*

ABSTRACT

Communication of research results is essential for the full realization of scientific activity, but it still faces significant challenges, such as disinformation, which causes harm to society. This difficulty arises from the incompatibility between the dynamics of Journalism, which seeks the rapid circulation of information, and Science, which requires time for results to mature. The article proposes that university scientific journalism can help bridge this gap in the popularization of Science and improve the representation of reality. The study analyzes the production process of newspapers from USP, Unesp, and Unicamp, focusing on the Science section and investigating news values, agenda formulation, content hierarchy, reporting techniques, consulted sources, and power interferences.

Keywords: *University newspapers; Scientific Dissemination; Disinformation; Appreciation of Science*

Introdução

Atualmente, é perceptível o crescimento da representatividade brasileira na produção científica internacional, mesmo com a queda de investimento em Ciência nos últimos anos – se somados, os cortes totais entre 2014 e 2022 chegaram a aproximadamente R\$100 bilhões, segundo pesquisa do Observatório do Conhecimento. Principalmente no contexto pandêmico, foi possível observar a qualidade da produção de pesquisa do país que, apesar das limitações, se mantém como o 13º maior produtor de conhecimento científico no mundo. (Silva & Zelesco, 2021).

Porém, mesmo com os indicadores nacionais e internacionais apontando para um crescimento relevante na produção acadêmica brasileira, de acordo com Pasternak (2018), existe um descompasso entre essa produção e sua divulgação para a população, que carece de ações efetivas que garantam o real compartilhamento da Ciência.

Essa lacuna representa, segundo Luiz Signates (2012), uma das crises que a Ciência enfrenta no mundo contemporâneo: a crise da comunicação. Entre os principais desdobramentos causados por essa crise está a desinformação, que se manifesta em danos reais e palpáveis para a sociedade – como fora visto durante a pandemia de Covid-19.

A pandemia de Covid-19 gerou uma crise mundial sem precedentes. Além dos resultados econômicos e sociais da crise global de saúde, o Brasil tem enfrentado também uma crise institucional e uma grave política interna, que vem se alastrando pelo menos desde 2014, quando os questionamentos sobre as instituições democráticas passaram a ser recorrentes no debate público e na agenda midiática dos principais veículos de jornalismo de grande circulação do país. (Oliveira, 2020, p. 12)

A desinformação generalizada também revela desconfianças em torno das instituições científicas como espaço de produção de informações confiáveis e evidências para tomada de decisão. Segundo (Oliveira, 2020, p. 2), essa desconfiança não vem só da falta de informação, mas também de um conjunto de crenças consolidadas – provenientes de um processo político e ideológico – que se chocam com os valores estabelecidos pelas instituições científicas. Como resultado direto, tem-se a criação de teorias de conspiração e negacionismo científico.

Devido ao vácuo existente entre a Academia e a sociedade, não é de se surpreender que a última não ouça o que a Ciência tem a dizer, já que praticamente não a conhece: não sabe quais são suas técnicas, os passos de desenvolvimento, os agentes envolvidos, os custos

etc. O pouco que sabe sobre seus resultados geralmente vem com grande ruído, pouca profundidade e até mesmo com uma “aura” de conhecimento supremo e, principalmente, distante. Assim, a ideia de Ciência se liga a “um conjunto de práticas restritas a tipos específicos de leituras do real, pavimentando o caminho para a naturalização de sua ilusória separação da esfera da cultura.” (Garcia, 2014, p. 4).

Acontece o que Cascais (2003) chama de mitologia dos resultados: com o direcionamento da mídia apenas para as conclusões e aplicações prontas das pesquisas, cria-se, no imaginário popular, a ideia de que a Ciência é totalmente utilitarista, consumível, inerrante e de que seus processos são simples e poucos custosos. Não entendendo o processo, a sociedade não se sente pertencente a ele, tornando difícil o diálogo entre os cientistas e a população.

Nossas pesquisas na área de Educação em ciências: como todo o restante do meio acadêmico temos muito pouco atuado junto às comunidades ao emprendermos nossos estudos. Pouco ouvimos e dialogamos com a população. [...] Não perdemos o espaço, pelo simples motivo de que nunca o ocupamos. Queremos fazer chegar a eles os resultados dessas pesquisas feitas na universidade e ainda esperamos que eles nos acolham e aprendam com a gente? (Galieta, 2020, p. 1).

É nesse momento que se faz necessária a elaboração de uma ancoragem científica com a sociedade que, segundo Orlandi (2001), se dá por meio da substituição da metalinguagem específica da Ciência por uma linguagem que permita a circulação da mesma para o público. Essa ancoragem pode ser pensada por meio da Comunicação – e o Jornalismo de divulgação científica tem esse papel.

Segundo Authier-Revuz (1998), o termo divulgação científica pode ser definido como uma atividade de disseminação, em direção ao exterior, de conhecimentos científicos já produzidos e que se mantêm em circulação apenas em uma comunidade restrita (a Academia). O exterior a ser alcançado, nesse caso, é o grande público, fazendo com que a divulgação científica tenha um caráter social, imprescindível para o desenvolvimento da Ciência.

Assim, a importância de se ter uma divulgação científica forte se dá, não apenas com a função de disseminação informacional, mas também porque ela:

[...] aproxima o cidadão comum dos benefícios que ele tem o direito de reivindicar para a melhoria do bem-estar social. Ela pode contribuir também para visão mais clara da realidade ao contrapor-se aos aspectos característicos de uma cultura pouco desenvolvida, ainda contaminada por superstições e crenças que impedem as pessoas de localizar com clareza as verdadeiras causas e efeitos dos problemas que enfrentam na vida cotidiana. (Oliveira, 2002, p. 14)

Mesmo com esses benefícios, pautas científicas não são habituais no cotidiano de grandes portais e veículos de mídia tradicionais, os quais se apegam apenas aos valores-notícia clássicos (Traquina, 2005), que são critérios que influenciam a seleção e o destaque de fatos como produto noticioso.

Assim, para que a Ciência seja vista para além de um mero produto e para que seu distanciamento em relação à sociedade seja mitigado, universidades criam departamentos, assessorias e iniciativas – rádios, jornais, perfis em redes sociais, canais no Youtube, etc. – que trabalham diretamente a comunicação e divulgação científica.

Especificamente sobre jornais científicos, entre os exemplos mais notáveis de universidades estaduais de São Paulo estão o Jornal da USP¹, da Universidade de São Paulo; o Jornal da Unicamp², da Universidade Estadual de Campinas; e o Jornal da Unesp³, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

O Jornal da USP é um periódico eletrônico criado em 2004, no entanto, a história do Jornal remonta ao início da década de 70, quando a universidade lançou o "USP Informa", boletim informativo impresso destinado a divulgar as atividades da instituição. O Jornal tem publicação diária e as notícias e reportagens são distribuídas em seu site e redes sociais. Além disso, o Jornal da USP também publica uma revista mensal em versão impressa e digital. Atualmente, o Jornal da USP é produzido por uma equipe de profissionais formada por jornalistas, editores, designers, fotógrafos e técnicos de informática, e é coordenado pela Superintendência de Comunicação Social da USP.

Já o Jornal da Unesp foi criado em 1995 como um projeto experimental de alunos do curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da Unesp, campus de Bauru. O Jornal é publicado trimestralmente e, além das edições impressas, o periódico também disponibiliza suas publicações em versão digital no site oficial do jornal. Hoje, o Jornal da Unesp é uma publicação da Coordenadoria Geral de Comunicação Social (CGCS) da universidade e é produzido por uma equipe de jornalistas e colaboradores, incluindo alunos e professores de diversos cursos da Unesp.

Por fim, o Jornal da Unicamp foi criado em 1984 e é mantido pela Coordenadoria de Comunicação Social (CCS) da Unicamp. Ao longo de sua história, o periódico se consolidou como uma importante fonte de informação e análise sobre temas relacionados à educação,

¹ Disponível em: <https://jornal.usp.br/>.

² Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju>.

³ Disponível em: <https://jornal.unesp.br/>

ciência, tecnologia, cultura, política universitária e sociedade, sempre com um enfoque crítico e reflexivo. O Jornal da Unicamp é um periódico com periodicidade mensal. Além da edição impressa, o Jornal da Unicamp também disponibiliza seu conteúdo na versão digital. Atualmente, é produzido por equipe formada por cerca de 20 colaboradores, entre jornalistas, editores, designers gráficos, fotógrafos e técnicos de suporte.

Mesmo sendo jornais, os periódicos universitários possuem pautas e coberturas distintas da imprensa comercial. Essas diferenças se refletem em como os jornais universitários escolhem, produzem e publicam conteúdo. Assim, é importante reconhecer se (e de que modo) o processo produtivo desses jornais leva em consideração aspectos distintos dos da grande imprensa – quais são os valores-notícia; como são as técnicas de apuração; quais são as fontes consultadas; como funciona a interferência do poder público ou acadêmico; entre outros procedimentos.

Assim sendo, esta pesquisa teve o objetivo de investigar o processo produtivo dos jornais das três principais universidades públicas estaduais de São Paulo: USP, Unesp e Unicamp, com foco na divulgação científica e no combate à desinformação sobre Ciência. Partiu-se da hipótese de que o processo produtivo, bem como os valores-notícia e até mesmo as relações com as fontes consultadas apresentariam diferenças substanciais, se comparadas ao que ocorre na imprensa em geral.

Metodologia

A investigação foi composta por duas etapas principais: revisão bibliográfica e entrevistas. Na primeira etapa, foi realizada revisão teórica para mapear os principais estudos e pesquisas relacionados ao tema em questão. Essa etapa foi importante para levantar os conceitos e as teorias que embasam a produção jornalística, bem como para compreender as particularidades da divulgação científica em veículos de comunicação especializados.

Na segunda etapa, foram realizadas entrevistas com profissionais responsáveis pela produção de conteúdo nos jornais em questão, como jornalistas e editores. Sobre esta técnica, “[...] é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações de que se deseja conhecer” (Duarte, 2015, p. 62).

Essa etapa foi realizada com o objetivo de compreender mais detalhadamente o processo produtivo e as dinâmicas envolvidas na divulgação científica. As entrevistas foram

conduzidas com base em um roteiro semiestruturado, com perguntas abertas, as quais poderiam ser adaptadas e alteradas no decorrer das entrevistas (Duarte, 2015). O roteiro foi desenvolvido, versando sobre o processo produtivo, da pré-pauta, passando pela edição até a publicação final, além de questões sobre o enfrentamento à desinformação sobre temas relacionados à Ciência.

Por fim, a análise dos dados foi realizada de forma qualitativa, buscando identificar padrões e relações entre as informações coletadas na revisão bibliográfica e nas entrevistas. A análise dos dados permitiu identificar as particularidades do processo produtivo dos jornais da USP, Unesp e Unicamp, bem como as dinâmicas envolvidas na produção de jornalismo de divulgação científica.

Resultados

A crescente diversificação do conhecimento e o conseqüente desequilíbrio entre os interesses e expectativas da população em relação aos pesquisadores e cientistas são fenômenos que ampliam a demanda por especialização. Nesse contexto, é comum separar os domínios do saber em busca de maior exatidão, rigor, segurança e disseminação das informações. Essa necessidade de especialização oferece vantagens, como a capacidade de aprofundamento em áreas específicas do conhecimento. No entanto, também acarreta desvantagens, como a falta de comunicação entre essas diversas áreas, que não são tecidas como parte da mesma realidade, o que pode resultar em lacunas e dificuldades na integração de conhecimentos multidisciplinares. É neste momento que a comunicação eficiente desses conhecimentos se torna mais necessária.

A atividade científica chega em sua plenitude quando o pesquisador comunica os resultados de seu trabalho com a sociedade. Pouco ou nada, servirá todo o esforço de investigação se não resultar em comunicação. [...] Neste sentido, a informação jornalística especializada vem para cobrir o abismo que, tradicionalmente, existe entre os cientistas e os cidadãos não especializados nestes conteúdos especializados. (Ramírez e Del Moral, 1999)

Entretanto, as dinâmicas e necessidades da Comunicação e da Ciência parecem não se encaixar à medida que olhamos para seus cerne. Segundo Bueno (1998), enquanto a ciência e a tecnologia são resultados de processos que demandam tempo para maturação, não sendo vinculadas necessariamente à obtenção de resultados imediatos, a comunicação e o jornalismo dependem, de forma crucial, da coleta e da rápida circulação de informações.

Conforme anteriormente mencionado, a pandemia de Covid-19 evidenciou uma lacuna significativa de informação na sociedade, destacando a importância crucial de dados científicos confiáveis. Assim, observou-se uma mobilização por parte da comunidade científica, direcionada para o enfrentamento da desinformação, que se traduziu em esforços para uma divulgação mais ampla e acessível das pesquisas.

E isso se torna ainda mais importante dentro das Universidades, já que é lá onde os cientistas se encontram. A ciência produzida ali dentro precisa retornar para a sociedade em forma de elementos em prol do bem-estar público, como as vacinas, mas também de informação – ainda mais tratando-se de universidades estaduais e federais, financiadas pelo orçamento público.

Segundo Hernando (1998), a prática do jornalismo científico produzido pela universidade atinge os dois grandes objetivos da divulgação científica: conhecimento e ação prática. Se a universidade não o fizer, a informação plena não chegará à sociedade, já que as redações tradicionais estão cada vez menores e menos especializadas em ciência. Por isso, é de suma importância compreender, de forma adequada, tanto o papel quanto o exercício desse tipo de jornalismo, que atua como uma representação da realidade, promovendo a popularização da Ciência.

Para compreender melhor o fenômeno do jornalismo científico feito por Universidades, foram entrevistados representantes das três maiores universidades estaduais de São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual Paulista (Unesp) e Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Os entrevistados foram Pablo Nogueira Gonçalves Diogo, jornalista pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre em Ciência da Religião e editor-chefe do Jornal da Unesp desde julho de 2021; Malena Beatriz Stariolo, jornalista pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e repórter no Jornal da Unesp desde setembro de 2022; Luiz Roberto Serrano, jornalista pela Escola de Comunicação e Artes (ECA – USP) e superintendente de Comunicação Social da USP desde janeiro de 2018; Luiza Caires, jornalista, mestre em Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes (ECA – USP) e editora de ciência no Jornal da USP desde maio de 2016; e Felipe de Oliveira Mateus, jornalista, doutor em Comunicação pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC - Unesp) e repórter no Jornal da Unicamp. Até a consolidação desse trabalho, nenhum representante da editoria do Jornal da Unicamp respondeu positivamente à solicitação da entrevista para a pesquisa.

As entrevistas foram realizadas virtualmente entre fevereiro e abril de 2024, seguindo um roteiro semiestruturado, com perguntas abertas. Analisou-se a rotina produtiva da redação, desde o levantamento das pautas até a publicação das matérias, considerando elementos como prazos, divisão do trabalho e diversidade de fontes; o processo de mapeamento e hierarquização das pesquisas universitárias para seleção de conteúdo; o papel dos jornais universitários na divulgação científica, seus erros e acertos nesse contexto, bem como sua contribuição para o combate à desinformação; além de possíveis interferências do poder público ou acadêmico no processo de produção jornalística. Sendo assim, a análise das respostas seguirá por divisão temática.

Rotina produtiva dos jornais universitários

A produção jornalística nos jornais universitários da USP, Unesp e Unicamp compartilha semelhanças que refletem a natureza acadêmica dessas instituições. No Jornal da Unesp, as reuniões semanais de discussão de pauta desempenham um papel fundamental, permitindo a apresentação de ideias, a definição de temas e o estabelecimento de prazos. De acordo com Malena Stariolo, repórter do jornal, essa estrutura proporciona um tempo maior para a elaboração das matérias, possibilitando uma abordagem mais detalhada e aprofundada dos assuntos.

No jornalismo universitário a gente consegue se debruçar por mais tempo em uma pauta e entrar com mais detalhe nela. Eu tenho todo um tempo maior para preparar e fechar muito bem uma matéria, algo que em um jornalismo diário, um jornalismo não universitário, não tem. O jornalista diário, ele tem, em média, três a quatro horas para escrever uma matéria, até as de ciência. Então acho que o jornalismo de ciência feito por jornais universitários se beneficia muito disso, o que permite explorar mais os temas, porque a gente não tá preso ao imediatismo. Isso permite que a gente traga para o debate assuntos que nem sempre são quentes, mas que são pertinentes. (Stariolo, 2024)

Por sua vez, o Jornal da USP adota uma dinâmica de reuniões diárias de pauta, com encontros adicionais para determinar os destaques da página principal. Essa abordagem destaca a importância de uma produção jornalística ágil e atualizada, ao mesmo tempo em que busca manter a relevância e a consistência editorial. Essa dinâmica é possível considerando o quadro de cerca de 70 jornalistas – entre repórteres, diagramadores e fotógrafos. A editora de Ciência do Jornal da USP, Luiza Caires, destaca a meticulosidade na seleção e no acompanhamento das pesquisas a serem divulgadas, ressaltando a importância de um contato direto com os pesquisadores para garantir a qualidade e a precisão das

informações veiculadas. A editora também destaca como, dentro do processo produtivo, a parte da entrevista com o pesquisador é significativa para a escrita final do conteúdo.

Primeiro, selecionamos um artigo para a pauta. Em seguida, eu dou uma olhada no artigo e, às vezes, entro em contato com o pesquisador – muitas vezes, é apenas durante a conversa que descobrimos se a pesquisa realmente renderá uma boa notícia. (Caires, 2024)

No Jornal da Unicamp, a ênfase da rotina produtiva recai sobre a interação com os pesquisadores, a obtenção de material complementar e a contextualização das pesquisas dentro de um quadro mais amplo. Essa abordagem visa não apenas divulgar os resultados científicos, mas também torná-los acessíveis e relevantes para um público diversificado.

Eu acho que é até interessante para esses professores, esses pós-graduandos, que passam pela experiência de dar entrevista pra gente porque muitas vezes eles se surpreendem, pensando assim: “Olha, eu não imaginava que a minha pesquisa pudesse estar acessível a ponto de uma pessoa que não é da área compreender”. (Mateus, 2024)

Felipe Mateus, repórter do Jornal da Unicamp, também destacou como, muitas vezes, o pesquisador está distante do processo de divulgação para a sociedade, mostrando a importância dos jornais (e jornalistas) universitários para fazer essa ponte.

Diferença entre jornais universitários e jornais diários

De acordo com os relatos das fontes, os jornais universitários se distinguem dos jornais diários em vários aspectos, como abordagem editorial, missão institucional e pressões comerciais.

Malena ressalta que os jornais universitários valorizam a qualidade do material produzido em detrimento do sensacionalismo para atrair cliques, como frequentemente acontece no jornalismo diário. Essa abordagem é influenciada pelo ambiente acadêmico em que os jornais universitários estão inseridos, proporcionando uma compreensão mais profunda dos processos e tempos envolvidos na produção científica.

A gente prefere muito mais produzir um material de qualidade do que produzir algo tendendo ao sensacionalismo para conseguir atrair cliques – que, no jornalismo diário, infelizmente, é uma das linhas que comanda a produção. Isso porque eles estão inseridos dentro de uma noção mercadológica, eles precisam continuar existindo e o que faz eles existirem, o que dá dinheiro pela publicidade, são os cliques. (Stariolo, 2024)

Luiza e Luiz – editora de ciência e editor chefe do Jornal da USP, respectivamente – destacam a missão institucional dos jornais universitários, que difere da dos jornais diários.

Eles enfatizam que o jornal tem o objetivo de divulgar uma ampla gama de assuntos, abrangendo todas as áreas de estudo e todas as escolas da USP.

Além disso, Luiza ressalta que, embora os jornais universitários desejem alcançar um público amplo, eles não enfrentam a mesma pressão por cliques e audiência que os jornais diários. Isso permite uma maior liberdade editorial e uma abordagem mais focada na qualidade e relevância das matérias produzidas, como pontuou Malena. “Temos o objetivo de alcançar um público amplo. Só que não fazemos qualquer coisa para alcançá-lo” (Caires, 2024).

Por fim, Felipe também destaca a independência dos jornais universitários em relação às pressões comerciais. Ele argumenta que os jornais universitários praticam uma comunicação pública sem a necessidade de atender às demandas de uma audiência pagante, permitindo uma abordagem mais centrada no fortalecimento do campo científico e na divulgação de pesquisas relevantes.

Banco de fontes

No Jornal da Unesp, conforme relatado por Malena, não há um banco de fontes formalmente estabelecido. Embora existam fontes frequentemente utilizadas e a preferência por pesquisadores da Unesp, o processo de seleção de fontes é orientado principalmente pelo tema da matéria, buscando garantir diversidade e evitar favorecimentos recorrentes. Essa abordagem destaca a seleção criteriosa e consciente das fontes, visando uma cobertura jornalística imparcial e representativa.

Por sua vez, no Jornal da USP, como explicado por Luiza, a seleção de fontes é orientada pela filiação institucional dos pesquisadores envolvidos nas pesquisas divulgadas. Nesse sentido, há uma preferência por fontes vinculadas à USP, embora haja esforços para incluir perspectivas externas quando possível, visando enriquecer a narrativa e promover a diversidade de opiniões.

As pesquisas que divulgamos precisam ter alguma participação formal de alguém associado à USP. Quando possível, pois há a pressão do tempo para divulgar muitas informações com poucos recursos, sempre procuramos envolver pesquisadores de outras instituições para fornecer diferentes perspectivas. Não temos um banco de dados como a Rádio USP, por exemplo, porque eles lidam muito com a atualidade, mas para nós isso não faz tanto sentido. (Caires, 2024)

No Jornal da Unicamp, como descrito por Felipe, as fontes utilizadas são predominantemente pesquisadores e autores vinculados à própria universidade. A seleção de

fontes é direcionada pela relevância das pesquisas produzidas internamente, com uma preferência por destacar o trabalho dos pesquisadores da Unicamp.

Mapeamento e hierarquização de pautas

No Jornal da Unesp, como descrito por Pablo, editor chefe, a geração de pautas ocorre por meio de uma ampla busca tanto interna quanto externa à universidade, envolvendo a identificação de temas relevantes nos agregadores de notícias, sugestões de pesquisadores e até mesmo descobertas pessoais durante a navegação por portais científicos online.

Já no Jornal da USP, conforme relatado por Luiz, a seleção de pautas é orientada tanto por fontes internas da universidade quanto por temas relevantes para a sociedade em geral. Essa abordagem envolve um acompanhamento constante dos acontecimentos atuais, a participação ativa dos professores da USP na sugestão de temas e a busca por pesquisas realizadas nas diversas unidades da universidade.

Já no Jornal da Unicamp, como explica Felipe, o mapeamento e a hierarquização de pautas são realizados por meio de uma busca ativa dentro da própria universidade, com foco na identificação de pesquisas inovadoras e de interesse público.

Dentro da secretaria, temos alguns colegas que realizam uma busca ativa dentro das faculdades, institutos e programas de pós-graduação, por pesquisas ou projetos de pesquisa que sejam interessantes. Também estamos abertos a receber sugestões e isso é algo bastante comum de acontecer. [...] Temos um esforço grande de diversificar as áreas, procurar pesquisas de artes, por exemplo, porque não é muito automático você pensar em pesquisa científica de arte. (Mateus, 2024)

Essa abordagem inclui a consulta a orientadores e coordenadores de pesquisa para validar a relevância das temáticas selecionadas, bem como um esforço consciente para diversificar as áreas de cobertura, incluindo campos menos convencionais.

Público-alvo e os impactos do jornalismo universitário

Malena, do Jornal da Unesp, destaca que o público predominante das matérias são os acadêmicos, incluindo professores, pesquisadores e estudantes universitários. Ela ressalta a importância de alcançar um público mais amplo além da academia, e menciona a repercussão das matérias em veículos de grande circulação, como a Folha e O Globo, que

utilizam o jornal da Unesp como fonte para suas próprias pautas, ampliando assim o alcance das matérias.

Luiza destaca que o público do jornal da USP não é composto exclusivamente por cientistas, mas por um público geral, formado por pessoas com formação universitária ou com ensino médio completo. A partir disso, ela ressalta a importância de comunicar de forma acessível, utilizando uma linguagem não necessariamente técnica para alcançar uma audiência mais diversificada.

Luiz complementa que uma maneira de atingir o grande público também é através da reprodução das matérias do Jornal da USP em veículos de imprensa tradicionais, como Estadão, Folha e O Globo. Isso sugere que as matérias produzidas pelo jornal têm impacto não apenas dentro da comunidade acadêmica, mas também alcançam uma audiência mais ampla por meio da mídia convencional.

Já Felipe destaca que o interesse pela universidade vem crescendo, o que pode contribuir para ampliar o público-alvo dos jornais universitários. Ele menciona a importância de abordar temas que possam interessar não apenas aos acadêmicos, mas também ao público em geral, como questões relacionadas ao vestibular e conceitos científicos que enriquecem o conhecimento de diferentes públicos.

Jornalismo universitário no combate à desinformação

A atuação dos jornais universitários da USP, Unesp e Unicamp no combate à desinformação reflete uma preocupação crescente com a qualidade e a veracidade da informação científica disponibilizada ao público. Pablo destaca a importância do jornalismo científico como contraponto à diminuição da cobertura de ciência nos veículos tradicionais, especialmente diante do cenário atual de desconfiança e desinformação em relação à produção científica. Ele ressalta o papel do jornalismo na checagem de informações e no monitoramento do discurso público, enfatizando a necessidade de combater a desinformação por meio da produção e difusão de conteúdo confiável.

Existe realmente uma percepção negativa da produção da ciência que não existia quando eu entrei na profissão. Existem pessoas que começaram a ter um olhar para a produção do universo da produção científica muito mais ingênuo, desconfiado, mal informado. E a oposição de atores políticos contra algumas áreas da ciência, pelo menos na intensidade que a gente vê hoje. Então fazer comunicação de ciência passou a ter essa outra dimensão. Estamos disputando contra um adversário do lado

de lá, que também tá produzindo conteúdo. Então, na verdade, o conteúdo que a gente produz termina sendo disputa de espaço. E é nesse sentido que eu acho que a gente pode contribuir para isso e também estar atento. Então, nesse sentido, a gente combate a desinformação porque isso é uma coisa que a imprensa faz classicamente, esse monitoramento do Poder. O Poder está o tempo todo procurando orientar o discurso público, e a imprensa tradicionalmente faz essa checagem. Temos que estar muito mais atentos em relação a isso. (Diogo, 2024)

Malena sugere a exploração de diferentes gêneros jornalísticos, como o jornalismo narrativo, como forma de atrair a atenção do público não acadêmico e combater a visão restrita do jornalismo de ciência. Essa abordagem visa ampliar o alcance e a relevância do jornalismo científico, tornando-o mais acessível e interessante para diferentes públicos.

Por sua vez, Luiz destaca o desafio de ampliar o alcance do jornalismo científico na sociedade em geral, especialmente diante da crise enfrentada pela imprensa tradicional. Ele ressalta a importância da comunicação científica como instrumento de autodefesa da população, mas reconhece que há um longo caminho a percorrer para tornar a ciência acessível e compreensível para todos os segmentos da sociedade.

Eu acho que ainda temos muito a conquistar [no jornalismo científico], principalmente na medida em que a imprensa tradicional recuou nesse papel no seu momento de crise. E tudo indica que, por várias razões, boa parte da população não está ligada à ciência como arma de autodefesa. Tem muito a andar e não é necessariamente pelos jornais das Universidades. É lógico que nós ampliamos o alcance, nós ampliamos a nossa divulgação, mas não a ponto de ser uma instrumento junto a toda a população. Eu não tenho essa ilusão. Vivemos por isso, mas você precisa ver, primeiramente, qual é o conceito de Universidade junto a maior parte das pessoas. Se é um universo que elas têm no horizonte, se é um mundo inatingível para elas. A divulgação de ciência via jornais universitários ganhou espaço, mas não suficiente. (Serrano, 2024)

Luiza e Felipe compartilham a visão de que os jornais universitários desempenham um papel fundamental na divulgação da ciência e no combate à desinformação, ao mesmo tempo em que reconhecem os desafios e limitações enfrentados nesse processo. Eles destacam a importância da comunicação eficaz entre cientistas e jornalistas na disseminação de informações precisas e confiáveis, bem como a necessidade de envolver o público acadêmico e científico nesse esforço.

Eu acho que ainda fazemos pouco, como eu mencionei anteriormente, somos limitados aqui no que conseguimos expor em relação à produção da universidade. A universidade poderia olhar com mais cuidado para a área de comunicação, porque ainda vejo uma relevância muito grande no papel do jornalista, como intermediário

ou mediador. Apesar de as pessoas produzirem conteúdos por conta própria ou os próprios pesquisadores divulgarem, há uma forma de fazer isso na qual nós nos

especializamos. Eu acho que está ocorrendo um esvaziamento que não necessariamente será preenchido por outras formas de comunicação. Como eu disse, há muitos divulgadores científicos que abordam temas de ciência, mas acredito que eles também não irão necessariamente contemplar a pesquisa da universidade. Os cientistas perceberam a necessidade de se envolverem mais em relação às informações, não dá para ficar parado esperando enquanto todos propagam desinformação e não apresentam o outro lado. Nesse sentido, acredito que os próprios representantes da ciência têm consciência de que precisam se comunicar com o público, não apenas com seus pares. Eu acho que estamos vivendo uma era de questionamento das instâncias oficiais. A ciência é uma dessas instâncias oficiais. (Caires, 2024)

A desinformação generalizada revela algo mais profundo: desconfianças em torno das instituições científicas como espaço de produção de informações confiáveis e evidências para tomada de decisão. Essas desconfianças, muitas vezes, são provenientes de construções ideológicas e políticas – âmbito pessoal dos indivíduos que torna extremamente difícil a entrada da Ciência. Daí a importância do jornalismo universitário científico como mais um mediador e um facilitador da disseminação científica efetiva e de qualidade, mostrando que a Universidade, Ciência e Comunidade estão “do mesmo lado”, buscando coisas similares.

A mitologia dos resultados na divulgação científica

Já citado anteriormente, o termo mitologia dos resultados advém da pesquisa de Cascais (2003), e trata sobre o direcionamento da mídia apenas para as conclusões e aplicações prontas das pesquisas, criando-se, no imaginário popular, a ideia de que a Ciência é totalmente utilitarista, consumível, inerrante e de que seus processos são simples e poucos custosos. Não entendendo o processo, a sociedade não se sente pertencente a ele, tornando difícil o diálogo entre os cientistas e a população.

Sobre o debate, Pablo, destaca a importância de explicar o processo científico e seu contexto metodológico para promover a alfabetização científica na sociedade. Ele reconhece que muitas vezes a complexidade da pesquisa científica não é adequadamente transmitida, o que pode levar a uma compreensão limitada e distorcida da ciência.

A gente procura, em alguma medida, explicar como a ciência é feita. Alfabetização científica tem a ver com a ideia da sociedade geral ter uma ideia um pouco mais ampla de como a ciência é promovida, inclusive, como isso se diferencia com grandes grupos econômicos pressionando. (Diogo, 2024)

Já Malena ressalta a necessidade de desafiar a ideia de uma ciência objetiva e infalível, especialmente diante da incerteza e evolução constantes do conhecimento científico. Ela

destaca que a falta de clareza durante a pandemia gerou dúvidas sobre a competência dos cientistas, reforçando discursos anti-ciência. Malena argumenta que é fundamental tornar o processo científico mais compreensível e transparente para o público em geral, além de enfatizar sua natureza exploratória e em constante evolução.

[...] ainda não encontramos uma maneira eficaz de mostrar que a ciência é um processo em constante evolução. A ciência não lida com certezas absolutas; ela existe para desafiar conceitos estabelecidos. (Stariolo, 2024)

Luiz e Luiza reconhecem a importância de contextualizar as pesquisas e evitar transmitir a impressão de que um estudo representa a resposta definitiva. Para eles, os estudos científicos devem ser vistos como parte de um processo contínuo de construção do conhecimento, e não como verdades absolutas. Essa abordagem busca desmistificar a ciência e promover uma compreensão mais realista e crítica de seu papel na sociedade.

Nós publicamos estudos individuais, mas tentamos não transmitir a impressão de que um estudo representa a resposta definitiva, entende? Ele está inserido em um contexto mais amplo de pesquisa, em uma área que está sendo construída e desenvolvida. Às vezes, tenho a impressão de que o público que consome esses estudos não têm necessariamente a consciência de que se trata apenas de um estudo. Pode ser, na verdade, uma descoberta em uma pequena parte desse campo de conhecimento em exploração, e outras pesquisas futuras irão acrescentar mais informações. Às vezes, tenho a impressão de que o público interessado em ciência, talvez influenciado pela forma como esses estudos são noticiados, os lê como se fossem a “Palavra Final”. (Caires, 2024)

Por fim, Felipe destaca o desafio de comunicar a importância da pesquisa básica, que muitas vezes não resulta em benefícios práticos imediatos, mas contribui para o avanço do conhecimento a longo prazo.

Um grande desafio que eu vejo como jornalista de ciência é falar sobre pesquisa básica. A pesquisa básica é aquela em que você não necessariamente busca gerar uma inovação ou um processo prático, mas sim novos conhecimentos dentro daquela área. A gente sempre tem essa tentação, né, de perguntar assim: "Olha, mas por que essa pesquisa é importante? Ou como é que essa pesquisa vai mudar o dia a dia da Dona Maria que tá ali na casa dela?" Pode ser que uma pesquisa específica não vá mudar diretamente o dia a dia da Dona Maria, mas ela vai fortalecer uma série de outras pesquisas que, lá na frente, vão gerar isso. Muitas vezes a ciência não pode ser imediatista, as pessoas querem uma resposta rápida, mas uma resposta cientificamente válida e sólida não vai vir rápido. (Mateus, 2024)

Ele ressalta a necessidade de evitar uma abordagem imediatista e simplificadora da ciência, enfatizando sua validade e solidez mesmo diante de resultados não imediatamente tangíveis. Isso é possível com um jornalismo científico que também retrata o processual dentro das pesquisas e valoriza as chamadas ciências duras.

Interferências do poder público e acadêmico nos jornais

Os editores e repórteres foram perguntados sobre possíveis interferências do poder público e acadêmico em suas atuações – o que pode influenciar diretamente na independência, transparência e credibilidade dos veículos.

Pablo destaca justamente a importância da autonomia editorial dos jornais universitários, ressaltando que esses veículos estão inseridos em uma visão macro de comunicação da instituição, mas ainda desfrutam de uma autonomia razoável. Malena também enfatiza a independência com que o veículo opera, destacando a liberdade jornalística como um valor fundamental na tomada de decisões editoriais.

A gente trabalha de maneira bem independente. É claro, a gente recebe pedidos e alterações, só que a gente pondera. Temos a nossa liberdade de manter a liberdade jornalística. Então não é que a gente nunca acate, mas também não temos a obrigação de acatar. As reuniões de pauta, às vezes servem para isso também. Surgiu tal demanda ou a gente escreveu tal coisa que a pessoa não gostou: é válido? E aí o que a gente é o que vale. A gente preza muito por manter essa Independência jornalística. (Stariolo, 2024)

Já Luiz e Luiza relatam experiências semelhantes de autonomia editorial, afirmando que o jornal da USP é livre de amarras e não sofre interferências diretas da própria universidade ou do governo estadual. No entanto, Luiza ressalta que, embora na área de ciências não haja interferência direta das instâncias de poder, existem influências indiretas decorrentes da hierarquia institucional e das visões dos reitores sobre o jornal. No entanto, ela destaca os esforços para manter a independência editorial, especialmente na área de ciências.

O jornal da USP é livre de amarras. Essa é a experiência que eu conheço. Nunca tivemos nenhuma interferência, seja da própria Universidade, seja do Governo do Estado. Isso não aconteceu nenhuma vez nesses anos que eu estou aqui. (Serrano, 2024)

Felipe também destaca a importância da liberdade acadêmica na atuação dos jornais universitários, enfatizando que nunca percebeu interferências no seu trabalho ou no de seus colegas.

Eu acredito que, dentro do ambiente em que atuamos, é crucial valorizar a liberdade acadêmica, que se reflete também em nossa atuação. Mostrar a diversidade de temas pesquisados na universidade é fundamental para consolidar a visão de que é um espaço de livre debate e troca de ideias. A pesquisa científica, muitas vezes, está profundamente ligada à realidade social, buscando responder questões relevantes para a sociedade, como os direitos das populações indígenas e das mulheres. Esse aumento na diversidade tem reflexos positivos não só na universidade, mas também na qualidade e relevância das pesquisas desenvolvidas. (Mateus, 2024)

Ele argumenta que valorizar a diversidade de temas pesquisados na universidade é fundamental para consolidar a visão de que é um espaço de livre debate e troca de ideias, refletindo positivamente na qualidade e relevância das pesquisas desenvolvidas.

Conclusão

A partir da revisão teórica sobre a produção e divulgação de ciência dentro das instituições de ensino superior e da realização de entrevistas com representantes dos jornais das maiores universidades estaduais do estado de São Paulo foi possível compreender a relevância do jornalismo científico universitário na tentativa de mitigar a lacuna entre o espaço acadêmico e a comunidade.

Esses veículos são essenciais por estarem mais próximos dos próprios pesquisadores, não estarem sob a mesma pressão mercadológica de produção e por possibilitarem a divulgação de conteúdo científico diversificado e de qualidade, ao contrário da imprensa tradicional, onde as redações são cada vez menos especializadas.

As entrevistas com representantes do Jornal da USP, Jornal da Unesp e Jornal da Unicamp comprovou que esses veículos são semelhantes entre si no que diz respeito às rotinas produtivas, aos valores-notícia na seleção e hierarquização de pautas, à (busca de) diversidade de fontes e às técnicas de apuração e produção. Os integrantes dos jornais são, em geral, críticos quanto ao seu papel como porta-vozes das universidades, reconhecendo tanto a importância na construção de uma divulgação científica de qualidade quanto os limites impostos, como restrições de verba, alcance de público e abrangência no discurso.

Conclui-se, portanto, que o trabalho científico de um jornal universitário vai além da cobertura simplista e mecânica de pesquisas prontas – isso a mídia tradicional já faz. Esses veículos devem proporcionar ao público uma compreensão do dinamismo da ciência, demonstrando que esta é uma área em constante evolução. Alfabetizar cientificamente, no jornalismo, é explicar os complexos processos de pesquisa de maneira acessível, desvendar os diferentes contextos e vieses envolvidos, além de apontar lacunas e interesses financeiros

subjacentes. Desse modo, é possível trabalhar para mudar a percepção social da Ciência, frequentemente afetada de modo negativo pela disseminação de desinformação.

REFERÊNCIAS

Authier-Revuz, Jacqueline.. **Palavras incertas: as não-coincidências do dizer**. Editora da Unicamp, 1998.

Bueno, Wilson. **Jornalismo científico: resgate de uma trajetória**. Comunicação e Sociedade, 1998, n. 30, p. 209-220.

Caires, Luiza. Entrevista concedida em 2 de abril de 2024, por videoconferência.

Cascais, António Fernando.. **Divulgação científica: a mitologia dos resultados**. Cabral, 2003.

Diogo, Pablo. Entrevista concedida em 29 de fevereiro de 2024, por videoconferência.

Duarte, Jorge. Entrevista em profundidade. In: Duarte, Jorge., & Barros, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. Atlas, 2015, p. 62-82.

Galieta, Tatiana. **Por que a ciência está perdendo a disputa de conhecimentos?**. Revista Brasileira de Educação Básica, Ano 5, n. 16, 2020.

Garcia, Gabriel Cid. **A divulgação científica no horizonte do (im)provável**. 2014. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/1160>.

Hernando, Manuel **La difusión del conocimiento al publico: cuestiones y perspectivas**. Revista Comunicação & Sociedade, n.29, 1998.

Mateus, Felipe. Entrevista concedida em 8 de abril de 2024, por videoconferência.

Oliveira, Fabíola. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2002.

Oliveira, Thaianie Moreira de. **Como enfrentar a desinformação científica? Desafios sociais, políticos e jurídicos intensificados no contexto da pandemia**. Liinc em Revista. Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, 2020.

Pasternak, Natália. **Ciência para além dos muros: o papel, desafios e impactos da divulgação científica no Brasil**. Fiocruz 2018. Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/populacao-brasileira-desconhece-o-mundo-cientifico-diz-pesquisa/>.

Ramírez, Francisco; Del Moral, Javier. **Áreas de especialización Periodística**. Madrid: Editorial Fragua, 1999.

Serrano, Luis Roberto. Entrevista concedida em 25 de abril de 2024, por videoconferência.

Silva, Júlia; Zelesco, Gabriel. **Balanco Anual: Orçamento do Conhecimento 2021**. Observatório do Conhecimento, 2021. Disponível em: [https://observatoriodoconhecimento.org.br/wp-](https://observatoriodoconhecimento.org.br/wp-content/uploads/2022/05/balanco-anual-orcamento-do-conhecimento-2021_compactado.pdf)

[content/uploads/2022/05/balanco-anual-orcamento-do-conhecimento-2021_compactado.pdf](https://observatoriodoconhecimento.org.br/wp-content/uploads/2022/05/balanco-anual-orcamento-do-conhecimento-2021_compactado.pdf)

Stariolo, Malena. Entrevista concedida em 25 de março de 2024, por videoconferência.

Traquina, Nelson. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional**. Insular, 2005. v. 2.

BIOGRAFIA DAS AUTORAS

LARA LUIZA BAESTEIRO CAMPEÃO

Graduanda do curso de Jornalismo na Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) da Unesp. Foi bolsista PIBIC-CNPq e pesquisadora no projeto ICJor.

E-mail: larabaesteiro@gmail.com

LILIANE DE LUCENA ITO

Professora do curso de Jornalismo na Universidade Estadual Paulista (Unesp/Bauru), no qual também atua como docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (stricto sensu). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Digital (stricto sensu) no Instituto Brasileiro de Ensino, Pesquisa e Desenvolvimento (IDP/Brasília). Visiting researcher na Universidade Beira-Interior (UBI), em Covilhã, Portugal. Pós-doutoranda em Comunicação e Práticas de Consumo pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM/SP). Doutora e mestra em Comunicação e graduada em Comunicação Social, Jornalismo (Unesp). Autora dos livros "A (R)evolução da Reportagem", editora Ria (2019); e "Músicos Independentes na Internet: novas lógicas de consagração artística", editora Appris (2017).

E-mail: liliane.ito@unesp.br